



## Análises

**01/10/2011 - O histórico acordo entre Fatah e Hamas .....p.01**

Após uma série de encontros realizados no Cairo, capital egípcia, os grupos palestinos Hamas e Fatah se reconciliaram. Os dois grupos estavam rompidos desde 2007, quando tropas do Fatah, liderado por Mahmoud Abbas, foram expulsas da Faixa de Gaza pelo Hamas. O acordo de reconciliação entre o Fatah e Hamas visa também à formação de um governo provisório e ao estabelecimento do período eleitoral.

**01/10/2011 - Sarkozy e Cameron na Líbia: discursos, promessas, interesses e influência.....p.05**

Em um contexto de crises econômicas e sociais, a visita de Nicolas Sarkozy e David Cameron à Líbia pós-Kadhafi oculta interesses, quanto a concessões econômicas da nova autoridade líbia e à importância simbólica - para o público internacional, mas também para o público doméstico de cada um dos Estados - de serem os primeiros chefes de Estado ou de Governo a visitarem o país após uma guerra cujos controversos objetivos não se limitaram à retirada de um "ditador".

# O histórico acordo entre Fatah e Hamas

Análise  
Oriente Médio  
Pedro Casas  
01 de Outubro de 2011

**Após uma série de encontros realizados no Cairo, capital egípcia, os grupos palestinos Hamas e Fatah se reconciliaram. Os dois grupos estavam rompidos desde 2007, quando tropas do Fatah, liderado por Mahmoud Abbas, foram expulsas da Faixa de Gaza pelo Hamas. O acordo de reconciliação entre o Fatah e Hamas visa também à formação de um governo provisório e o estabelecimento do período eleitoral.**

**F**em uma série de reuniões que aconteceram no Cairo, o Fatah e o Hamas chegaram a um acordo visando à reconciliação de ambas as partes, que estavam rompidas desde 2007. O acordo estabelecido no dia quatro de maio de 2011, como frisou Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Palestina, "fecha uma página sombria na história do povo palestino que causou muito danos".<sup>1</sup>

Além da reconciliação, o acordo estabeleceu a formação de um governo de transição. Este será integrado por tecnocratas e tem por objetivo preparar as próximas eleições palestinas previstas para meados de maio de 2012.

Somado a isso, temos que o acordo busca a reconstrução da Faixa de Gaza, área bastante atingida durante a investida israelense ocorrida entre dezembro de 2008 e janeiro de 2009.

## Breve histórico do Hamas

Atualmente o Hamas<sup>2</sup> é tido como grupo terrorista pelo governo dos Estados Unidos, Israel e pela União Europeia. Já para seus defensores, o grupo é uma forma legítima de defesa dos palestinos

contra a ocupação militar brutal [pelos israelenses].

O Movimento de Resistência Islâmica (Hamas)<sup>3</sup> foi fundado em 1987, após a primeira Intifada, e é reconhecidamente um grupo marcado pela ideologia radical contra o Estado de Israel. Seu objetivo é o estabelecimento do Estado Palestino, que seria formado pelas regiões da Faixa de Gaza, Cisjordânia e a área que hoje é ocupada por Israel.<sup>4</sup>

Sua popularidade aumentou principalmente devido ao aumento do nacionalismo palestino, e seu líder atual é Khaled Meshaal.

Com esse crescimento de popularidade, as ações do Hamas se estenderam para Síria, Líbano e outros países do Golfo Pérsico.<sup>5</sup>

## Breve histórico do Fatah

O Movimento para Libertação Palestina (Fatah)<sup>6</sup> teve sua criação na década de 1950. Foi fundado por Yasser Arafat, e é o principal partido da Organização para Libertação da Palestina (OLP). Sua meta principal é transformar a Autoridade Nacional Palestina (ANP) em um Estado

<sup>3</sup> A sigla advém das iniciais de: Harakat al-Muqawamah al-Islamyya

<sup>4</sup> Ver também: [Hamas](#)

<sup>5</sup>[http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CES\\_ARQ\\_DESCR20050705120607.pdf](http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CES_ARQ_DESCR20050705120607.pdf)

<sup>6</sup> A sigla é o acrônimo reverso das iniciais de: Harakat al-Tahrir al-Filistiniya

<sup>1</sup>

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/05/110504\\_fatah\\_hamas\\_bg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/05/110504_fatah_hamas_bg.shtml)

<sup>2</sup> O Hamas tem como maior oposição o Fatah, e não está presente na Organização para Libertação Palestina.

soberano, democrático e de caráter multireligioso.

O Fatah é marcado por ser um grupo mais moderado, e com isso, a postura frente a Israel é bem diferente da adotada pelo Hamas. O Líder Mahmoud Abbas pretende estabelecer o território palestino nas áreas ocupadas por Israel na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, com Jerusalém Oriental como capital.<sup>7</sup>

### A origem do conflito entre as duas facções

O conflito entre o Hamas e o Fatah se iniciou em 2007, após forças do Hamas tomarem a zona que estava sob controle do Fatah na Cidade de Gaza. A partir dessa situação, a relação entre os lados só piorou. O Fatah usou da justificativa de que o Hamas estava preparando um golpe contra a Autoridade Nacional Palestina e uma tentativa de rejeição ao Acordo de Meca<sup>8</sup>. Este acordo foi assinado em 2007 por autoridades do Fatah e Hamas. Isso fez com que Abbas dissolvesse a coalização de governo entre Hamas e Fatah criada após o Acordo de Meca. Com o descumprimento do acordo, Mahmoud Abbas também demitiu o primeiro ministro Ismail Haniyeh, ligado ao Hamas. Em seguida, Salam Fayyad, membro do Fatah, foi indicado pelo presidente da ANP como primeiro ministro.

Já o Hamas, por meio do seu porta-voz, acusou o Fatah de colaborar com os Estados Unidos e Israel. O conselheiro político de Haniyeh acusou os Estados

<sup>7</sup>[http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle\\_east/5016012.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/5016012.stm)

<sup>8</sup> No Acordo de Meca foram estabelecidas as seguintes diretrizes: 1) o fim do derramamento de sangue palestino e a adoção do diálogo como mecanismo para a solução de desavenças políticas internas; 2) o comprometimento das partes para a conformação de um governo de unidade nacional; 3) a aceleração do processo de reforma da Organização para a Libertação da Palestina (OLP); e 4) a atuação conjunta, no âmbito da Autoridade Nacional Palestina (ANP), entre as diferentes forças políticas, com base no pluralismo político.

Unidos de financiarem a luta do Fatah contra o Hamas.

Porém é claro que as divergências entre as duas facções esbarram no assunto Israel. Enquanto o Fatah acredita na coexistência entre os Estados, o outro execra a existência de Israel.<sup>9</sup>

### A influência da Primavera Árabe para a assinatura do acordo de reconciliação

A grande influência que as manifestações populares tiveram para o estabelecimento do acordo entre Fatah e Hamas não tem recebido grande destaque na mídia nacional. Com a "Primavera Árabe", jovens foram as ruas pedir pela unidade palestina. A onda de manifestações populares que permeia o Oriente Médio e o Magreb, que derrubou o presidente egípcio Hosni Mubarak, foi determinante para a assinatura do acordo de reconciliação.

Para o Fatah, a queda de Mubarak não foi muito bem vista, uma vez que o Egito possui ligações com o grupo. Em contrapartida, a queda de Mubarak, sob a ótica do Hamas, é boa, pois há a possibilidade, caso a opinião pública seja ouvida, de um governo islâmico ascender no Egito. Isso seria positivo para o Hamas devido à sua ligação histórica com a Irmandade Muçulmana.<sup>10</sup>

O Hamas, porém, também está tendo problemas. Seu aliado Bashar Al-Assad, presidente da Síria, vem sendo acusado de reprimir as manifestações populares com brutalidade. Este então corre risco de ser deposto, uma vez que os Estados Unidos e a União Europeia almejam tal objetivo.<sup>11</sup>

Com essas mudanças importantes na configuração geopolítica na região, tais

<sup>9</sup> Ver também: [O conflito interno entre palestinos: Hamas e Fatah](#)

<sup>10</sup> [http://www.washingtonpost.com/opinions/the-arab-spring-is-driving-the-hamas-fatah-unity-deal/2011/05/03/AFxbd6iF\\_story.html](http://www.washingtonpost.com/opinions/the-arab-spring-is-driving-the-hamas-fatah-unity-deal/2011/05/03/AFxbd6iF_story.html)

<sup>11</sup> <http://www.brasildefato.com.br/node/6238>

acontecimentos funcionaram como um catalisador para que um acordo fosse assinado entre Fatah e Hamas.

### Implicações para Israel

Para Israel, o acordo firmado foi um duro golpe. Segundo o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, o Fatah, que em tese seria a única representação política capaz de estabelecer diálogos com Israel, deveria rever esse acordo. Os israelenses não enxergam a possibilidade de negociar com o Fatah caso este se reconcilie com o Hamas já que esta facção prega a destruição total de Israel.

Já Abbas, ao receber o ultimato israelense, respondeu que o acordo selado é assunto interno da Palestina e não cederá à Israel. Não obstante, o presidente da Autoridade Nacional Palestina afirmou que continua engajado com o compromisso da OLP com os acordos afirmados com Israel, e disse que vai continuar com a luta para alcançar os acordos de paz. Abbas enfatizou que todo o processo de paz envolvendo Israel ficará por conta da OLP (chefeada por ele), e que o novo governo, que terá a presença do Hamas, não se envolverá com essa questão.

### Considerações finais

Observando a questão doméstica, seria muito improvável apontar qualquer tentativa de reconciliação do Fatah e do Hamas, e por isso a assinatura do acordo pegou o mundo de surpresa. É evidente que as duas facções ainda possuem fortes diferenças entre elas, principalmente no que tange à postura frente Israel. Porém isso não foi obstáculo. A assinatura desse acordo pode nos remeter a um ceticismo por parte da OLP, ou mesmo de Abbas, com relação aos acordos com Israel. Estes que, por sua vez, não estavam tendo os resultados esperados, e por isso o avanço das negociações entre as duas facções foi possível. O acordo, tido como histórico para os grupos, foi uma conquista para o povo palestino pois os interesses internos

estão sendo alcançados. Contudo, há uma questão que aflige o Fatah: como será a postura dos Estados Unidos frente o acordo firmado? Os Estados Unidos, juntamente com a União Européia, são conhecidos pela remessa de grandes quantias em dinheiro para a ANP. Porém agora não se sabe se, por ter como aliado o Hamas, o Fatah continuará sendo beneficiado com estas remessas. Caso isso não aconteça, as coisas podem piorar bastante visto que esse dinheiro é essencial para os palestinos.

Outra questão levantada acerca do acordo é em relação a dois pontos muito sensíveis que não foram abordados pelo acordo: religião e Israel. Para alguns, a ausência de um acordo que leve em conta esses dois pontos pode levar a uma grande divergência posteriormente devido à sensibilidade desses fatores.

Quanto a Israel, torna-se a questão mais complicada ao envolver o Hamas no acordo. Israel é totalmente intransigente quanto à aliança das duas facções. Além do mais, o país de Benjamin Netanyahu não acredita muito no sucesso do acordo já que para eles as diferenças entre o Hamas e o Fatah são aparentes e posteriormente essas diferenças poderão se tornar um grave problema.

Em setembro, a Autoridade Palestina levou à Organização das Nações Unidas o pedido de reconhecimento do Estado Palestino. Em seu esperado discurso, Abbas disse que pelo momento político vivido no Oriente Médio, chegou a hora da Palestina ser independente.

Abbas pretende obter o reconhecimento oficial de um estado palestino com base nas fronteiras pré-1967, episódio que culminou na derrota devastadora dos palestinos para os israelenses, e consequentemente, na perda de territórios para Israel. Porém, para o reconhecimento do Estado Palestino, o grande desafio continua sendo os Estados Unidos e Israel.

# Referências

## Al-Jazeera

<http://english.aljazeera.net/news/middleeast/2011/04/2011427152119845721.html>

<http://english.aljazeera.net/news/middleeast/2011/05/20115485559408560.html>

## Brasil de Fato

<http://www.brasildefato.com.br/node/6238>

## BBC

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/05/110503\\_entenda\\_fatah\\_hamas\\_gf.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/05/110503_entenda_fatah_hamas_gf.shtml)

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/05/110504\\_fatah\\_hamas\\_bg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/05/110504_fatah_hamas_bg.shtml)

[http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle\\_east/1654510.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/1654510.stm)

[http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle\\_east/5016012.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/5016012.stm)

## Deutsche Welle

<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,15037836,00.html?maca=bra-uol-all-1387-xml-uol>

## Folha de S. Paulo

<http://www1.folha.uol.com.br/bbc/911297-analise-acordo-entre-hamas-e-fatah-leva-esperanca-e-cautela-apaletinos.shtml>

## The Washington Post

[http://www.washingtonpost.com/opinions/the-arab-spring-is-driving-the-hamas-fatah-unity-deal/2011/05/03/AFxbd6iF\\_story.html](http://www.washingtonpost.com/opinions/the-arab-spring-is-driving-the-hamas-fatah-unity-deal/2011/05/03/AFxbd6iF_story.html)

<http://www.washingtonpost.com/world/middle-east/fatah-and-hamas-initial->

[http://www.pucminas.br/conjuntura/accord-officials-say/2011/04/27/AFH7pxzE\\_story.html](http://www.pucminas.br/conjuntura/accord-officials-say/2011/04/27/AFH7pxzE_story.html)

**Ver também:**

[Eleições na Palestina](#)

[Hamas](#)

[O conflito interno entre palestinos: Hamas e Fatah](#)

**Palavras chave:** Pedro Casas, Hamas, Fatah, Palestina, Israel, Mahmoud Abbas, OLP, ANP, Oriente Médio.

# Sarkozy e Cameron na Líbia: discursos, promessas, interesses e influência

Análise  
Europa

Ricardo Bezerra Requião  
01 de Outubro de 2011

**Em um contexto de crises econômicas e sociais, a visita de Nicolas Sarkozy e David Cameron à Líbia pós-Kadhafi oculta interesses, quanto a concessões econômicas da nova autoridade líbia e à importância simbólica - para o público internacional, mas também para o público doméstico de cada um dos Estados - de serem os primeiros chefes de Estado ou de Governo a visitarem o país após uma guerra cujos controversos objetivos não se limitaram à retirada de um "ditador".**

“**M**erci Sarkozy”<sup>1</sup>, era a mensagem vista, em bandeiras e cartazes, nas ruas de Tripoli e Benghazi durante a visita do presidente francês, Nicolas Sarkozy e do primeiro-ministro britânico, David Cameron, à Líbia, em 15 de setembro de 2011.

A rápida visita foi a primeira de um chefe de Estado ou de Governo<sup>2</sup> depois da saída de Muammar Kadhafi do poder, após 42 anos, numa ação iniciada por “rebeldes”<sup>3</sup> líbios em 15 de fevereiro de 2011 e que, desde 27 de março, contou com apoio ocidental, através de forças da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), lideradas principalmente pela França, mas com participação britânica e

estadunidense.

A ação, considerada pelo *Liberátion* como uma “blitzkrieg diplomática reforçada por uma audaciosa aposta militar”<sup>4</sup>, possibilitou que os dois líderes europeus aproveitassem o momento para serem aclamados como heróis, tendo em vista os possíveis desdobramentos de tal visita simbólica - e histórica.

A comissão europeia foi recebida por Mustafá Abdel-Jalil, líder do CNT, e por Mahmoud Jibril, o primeiro-ministro *de facto*<sup>5</sup>, na capital, embora a base do Conselho permaneça em Benghazi. Foi de mãos dadas com Jalil, que Sarkozy e Cameron mostraram seu apoio<sup>6</sup> ao CNT.

Jalil agradeceu a visita dos europeus e afirmou que a revolução não teria terminado da mesma maneira sem a ajuda franco-britânica.

Os políticos europeus elogiaram o

<sup>1</sup> “Obrigado Sarkozy”, em francês.

<sup>2</sup> Cabe sinalizar a diferença entre ambos: Chefe de Estado tem uma função protocolar, de representação do Estado, enquanto ao Chefe de Governo, cabe a administração propriamente dita do Estado, e as decisões para esta necessárias ou desta advindas. Em sistemas presidencialistas, ambas as funções podem ser exercidas pela mesma pessoa.

<sup>3</sup> O uso do termo “rebeldes” é utilizado, neste texto, no sentido aplicado por Bull (2002), de grupos insurgentes que dão às suas ações força equiparável às forças de repressão do governo vigente, no sentido de legitimar sua(s) causas(s).

<sup>4</sup><http://www.presseeurop.eu/pt/content/article/904761-libia-apos-guerra-os-negocios>

<sup>5</sup> A expressão significa que Mahmoud Jibril é, na prática, o primeiro-ministro líbio, uma vez que já exercia essa função no governo Kadhafi e que ainda não houve qualquer processo eleitoral que possibilite sua substituição.

<sup>6</sup> Segundo o próprio Jalil, a ajuda teve razões exclusivamente humanitárias.

governo interino e disseram que o mais difícil ainda está por vir. O objetivo oficial da visita era discutir o futuro da Líbia – por mais paradoxal que pareça, tendo em vista a brevíssima duração da visita (menos de 48 horas) –, no sentido de consolidar o CNT e combater os últimos pontos de apoio a Kadhafi. Cameron afirmou que a luta precisa ser terminada e dirigindo-se aos que ainda empunham armas em defesa do antigo líder: “Acabou. Desistam. Os mercenários devem ir para casa.”<sup>7</sup>

Cameron e Sarkozy anunciaram que os bombardeios da OTAN continuarão até que a resistência se esgote; que continuarão apoiando a máxima autoridade líbia; e que, progressivamente, as sanções impostas à Líbia serão retiradas<sup>8</sup>. Ademais, prometeram levar o ex-governante à Corte Internacional de Justiça, onde já existe um processo contra o “Guia”<sup>9</sup> líbio; e, liberar mais ativos da Líbia bloqueados no exterior.

Segundo o *Valor Econômico*, em agosto a Grã-Bretanha já havia liberado cerca de 1,5 bilhão de dólares em ativos líbios e iria liberar, em breve, mais 12 bilhões de libras. A França, na Conferência de Amigos da Líbia, em 1º de Setembro, em Paris, havia anunciado o imediato desbloqueio de mais 15 milhões de dólares. O CNT, independente disso, solicitou, com urgência, 5 milhões de dólares.

Nos fins de seus discursos, ambos dirigentes europeus pediram, dirigindo-se às múltiplas tribos que compõem a sociedade líbia, que atos de vingança

<sup>7</sup><http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-09-15/em-visita-libia-sarkozy-ecameron-dizem-que-mais-dificil-ainda-esta-por-vir>

<sup>8</sup> As sanções econômicas – como embargos – foram estabelecidas ao governo Kadafi com objetivos como o de impedir que o então líder líbio tivesse acesso a receitas que poderiam estender a resistência, através, por exemplo, do pagamentos de mercenários.

<sup>9</sup> “Guia” era a forma como Muammar Kadafi era chamado enquanto estava no poder.

sejam evitados e que a população busque reconciliação e preservação da unidade, sem sentimentos de vingança. A isso se soma, como mostra o *The New York Times*, a congratulação de Cameron à população: “o Coronel Kadafi disse que os caçaria como ratos, mas vocês mostraram a coragem de leões.”<sup>10</sup>

O presidente francês afirmou que espera que a Síria, que também passa por instabilidades políticas, consiga se tornar livre sem os percalços pelos quais os líbios passaram. Complementou que, no que depender da França, não haverá nenhum lugar onde ditadores possam ficar impunes. O jogo político de Sarkozy põe a França – e a Europa como um todo – num papel dúbio de salvadora de povos, por eles vistos como, oprimidos e de condutora de um processo de liberalização e democratização no Maghreb e no Oriente Médio, mesmo que este se dê através de intervenções que põem em cheque as soberanias locais.

A atitude um tanto quixotesca do político francês, soma-se a um posicionamento neo-imperialista, de defender o país do norte da África tendo em vista interesses nos recursos naturais abundantes do país.

**À Líbia hoje. Ao Eliseu<sup>11</sup>, mais uma vez, amanhã ?**

Embora não tenha sido a primeira campanha militar empreendida pela França sob o governo Sarkozy<sup>12</sup>, a liderança na ofensiva líbia da OTAN pode render ao presidente francês reconhecimento doméstico, num

<sup>10</sup>[http://www.nytimes.com/2011/09/16/world/africa/cameron-and-sarkozy-in-tripoli-libya-to-meet-new-leaders.html?\\_r=1&scp=1&sq=Cameron%20Sarkozy%20Libia&st=cse](http://www.nytimes.com/2011/09/16/world/africa/cameron-and-sarkozy-in-tripoli-libya-to-meet-new-leaders.html?_r=1&scp=1&sq=Cameron%20Sarkozy%20Libia&st=cse)

<sup>11</sup> Referência ao Palácio do Eliseu, sede do governo francês.

<sup>12</sup> O governo Sarkozy já esteve envolvido com o soldados ao Afeganistão e à Costa do Marfim.

momento em que suas chances de vencer as eleições que se darão dentro de aproximadamente seis meses não parecem boas. Nota-se, então, que a presença francesa na coalizão anti-Kadhafi teve, sobretudo, um interesse pessoal.<sup>13</sup>

A precipitação do líder francês quanto às questões líbias ficou clara desde que Sarkozy foi o primeiro a enviar aeronaves à Líbia, assim que a Resolução do Conselho de Segurança da ONU, com execução de forças da OTAN, autorizando a zona de exclusão aérea à Líbia foi emitida. Foi, também, o primeiro, de aproximadamente sessenta países, a reconhecer os “rebeldes”, isto é, o CNT, como grupo legítimo.

Mesmo com todo o júbilo líbio em sua recepção, na França, o apoio à reeleição do atual presidente é pequeno. Os números obtidos em pesquisas de intenção de voto são os piores de um candidato à reeleição desde 1955.

A estratégia quanto à Líbia – juntamente com mudanças de atitude do presidente, que, nos últimos meses, tem agido de forma mais diligente, discreta e menos promotora da vida pessoal<sup>14</sup> – pode, contudo, mudar as chances eleitorais de Sarkozy. Especialmente, considerando que talvez seu principal concorrente, Dominique Strauss-Kahn, ex-diretor do Fundo Monetário Internacional e membro do Partido Socialista Francês, estará fora da disputa.

Conforme o *The Economist*, num contexto de crise econômica e ausência de uma forte representação em oposição ao atual

presidente, os franceses podem preferir continuar com o “mal que eles já conhecem.”<sup>15</sup>

Do outro lado do Canal da Mancha, Cameron tenta equiparar seu sucesso na Líbia àquele obtido por Tony Blair quando da invasão, em apoio aos EUA, ao Iraque. No período, Blair, então primeiro-ministro, conseguiu um aumento popularidade, num contexto de estagnação econômica. Cameron busca, assim, uma maior aceitação popular num momento de crises sociais em seu país.

### Os recursos líbios

Junto às falas de congratulação aos líbios, os dois líderes europeus fizeram questão de negar veementemente que o que estava por trás da visita eram negociações quanto ao recursos naturais líbios, como afirmavam alguns jornais europeus. Sarkozy declarou que não há uma agenda secreta de interesses na Líbia e que todo o apoio se deu simplesmente para ajudar o país.

Para os líderes da ofensiva da OTAN, as oportunidades em território líbio são inúmeras, desde a provisão de recursos básicos, cujas produções foram afetadas pela situação política instável, à reconstrução da infra-estrutura do país: recolha do lixo, fornecimento de água e encaminhamento de petróleo aos portos. Além dos próprios direitos de exploração das abundantes fontes de hidrocarbonetos do país.

Tendo por base que a França, durante a Era Kadhafi, já ocupava o sexto lugar na lista de aliados comerciais da Líbia, essa posição só tende a se fortalecer, como deixa claro o *Aujourd’hui en France*.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> O que inclusive fica claro nas mensagens de agradecimento do povo líbio. Enquanto a maior parte agradecia à pessoa de Sarkozy (“Merci Sarkozy” e “Um, dois, três, viva Sarkozy”), as demais agradeciam à Grã-Bretanha (“Thank You Britain”), e não diretamente à pessoa de David Cameron.

<sup>14</sup> O presidente francês, por exemplo, tem se dedicado a visitas a setores produtivos do país e deixado a cargo do primeiro-ministro, François Fillon, anúncios – pouco populares – relacionados a medidas de austeridade.

<sup>15</sup> <http://www.economist.com/node/21528636>

<sup>16</sup> <http://www.portugues.rfi.fr/geral/20110916-visita-do-heroi-sarkozy-libia-recebe-destaque-na-imprensa-0>

Jornais franceses afirmam que em troca do precoce reconhecimento quanto à legitimidade do CNT, este teria garantido ao governo francês 35% do total de petróleo bruto do país. Sarkozy rebateu as acusações de jornalistas negando que se aproveitará da situação líbia para “botar a mão” em suas riquezas.

O presidente francês, junto ao premiê britânico, afirmou não ter pedido nenhuma preferência. Mustafá Abdel-Jalil reiterou as palavras dos dirigentes europeus, declarando que não houve assinatura de nenhum acordo, mas que o CNT reconhece o esforço dos países que apoiaram as forças anti-Kadhafi e que eles terão prioridade nos futuros contratos, através de uma política de transparência.

### A posição de outros Estados

Para muitos países ocidentais, as oportunidades econômicas surgidas com a mudança de regime na Líbia são incomensuráveis. Dessa forma, a calorosa recepção líbia aos líderes franceses e ingleses incomoda. A Itália, apenas posteriormente incluída na coalizão de auxílio militar à Líbia, teme que sua presença no país seja negativamente redimensionada.

A Alemanha também se preocupa com a acolhida jubilosa dos seus colegas europeus. Não tendo apoiado os ataques ao país, o Ministério de Relações Exteriores alemão se vê numa posição delicada, já que o ministro da pasta Guido Westerwelle atribui a queda de Kadhafi ao embargo internacional, este sim apoiado pela Alemanha. Enquanto toda a opinião pública alemã parabeniza a OTAN, esse posicionamento mostra um lapso na percepção política da Alemanha, que possivelmente conseguirá apenas uma pequena fatia dos lucros advindos da Líbia e pouco destaque na opinião pública; isto é, dificilmente será vista como um vencedora ou como uma

heroína, como acontece à França e Grã-Bretanha.

A antecipação da dupla franco-britânica na visita - por mais fora do padrão diplomático que seja, já que a Líbia ainda não possui um chefe de Estado - retirou a expectativa quanto à visita do primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdogan, esperado na mesma semana. A precipitação da viagem dos líderes europeus, deu-se, conforme o *Le Figaro*<sup>17</sup>, para que fossem os primeiros a colherem os benefícios da queda de Kadhafi.

Amre al Turyuman, secretário do CNT declarou que Sarkozy tinha o direito de ser o primeiro presidente a visitar a Líbia livre e que Erdogan perdeu a “corrida” por motivos religiosos: queria poder realizar a oração muçulmana tradicional, que só pode acontecer às sextas-feiras.

Na Líbia - depois de ter passado pela Tunísia e pelo Egito -, Erdogan rendeu homenagens aos mártires líbios que se sacrificaram em nome da pátria e da religião, durante a oração na antiga Praça Verde, renomeada Praça dos Mártires; e, pediu que as forças pró-Kadhafi que ainda restam se rendam, “abracem seus irmãos e se juntem aos líbios.”

### Considerações Finais

O futuro da Líbia ainda é incerto - como é esperado ao se tratar de uma situação corrente. A presença de forças de resistência impede uma tomada total dos recursos de poder pelo CNT, e atrapalha, inclusive, o reconhecimento amplo deste na esfera internacional.

Além disso, sequer se sabe se a efetiva derrota das forças de resistência garantirá legitimidade interna ao Conselho Nacional de Transição, tendo em vista as

<sup>17</sup> <http://www.portugues.rfi.fr/geral/20110916-visita-do-heroi-sarkozy-libia-recebe-destaque-na-imprensa-0>

complexas relações - muitas vezes, antagônicas - entre as tribos no país.

“A prova de fogo vitoriosa na Líbia, que aproxima novamente a França de um novo mundo árabe”, nas palavras do *Libération*<sup>18</sup>, pode ser entendida, nesse contexto, de duas formas.

A primeira, é ver a visita - em metonímia para toda a intervenção político-militar ocidental - como uma tentativa de reconstrução, econômica, política e social, do país, liderada principalmente pela França e pela Grã-Bretanha, na construção de um Estado democrático. Isso está presente na declaração de Cameron de que os europeus estariam prontos para ajudar, inclusive, na dispersão de democracias na região.

Esta atitude, é um tanto afastada da realidade, ao pressupor que seriam os líderes europeus os responsáveis pelas mudanças no Norte da África, assumindo o papel de propagadores da democracia. Democracia, esta, que em seus próprios países está sofrendo ataques e desafios constantes, haja vista as revoltas populares freqüentes nos últimos meses nos Estados europeus, que sofrem, eles mesmos, de uma crise de legitimidade.

Dessa forma, ao serem laureados em ações externas, os dirigentes europeus estariam momentaneamente retirando o foco dos problemas domésticos e buscando um maior apoio interno, seja de partidos que se opõem aos seus governos, seja da população, como um todo. Ao construir um “inimigo” fora das suas fronteiras e conseguir - conforme seus discursos - vencê-lo, os líderes francês e inglês teriam um atitude bem-sucedida para contrapor as críticas constantes que tem sido feitas às medidas - impopulares - de austeridade, principalmente, tomadas pelos seus governos, que, de alguma forma, objetivam reduzir o papel, a presença e a

responsabilidade do Estado nessas sociedades.

A segunda forma, é “ler” a intervenção, franco-britânica por excelência, como mais uma atitude imperialista do Ocidente que, em troca da ajuda militar ofensiva da OTAN, recolheria os louros em forma de exclusividade - ou, ao menos, prioridade - na exploração de recursos naturais e também em contratos de serviços.<sup>19</sup>

Essa atitude reitera antecedentes históricos do posicionamento europeu para na região, seja na Conferência de Berlim<sup>20</sup>, seja durante o processo de descolonização da África entre as décadas de 1950 e 1970. Em ambos, o papel da Europa ultrapassou o de simples promessa de apoio e buscou interesses econômicos, que, logicamente, variaram conforme o contexto.

A influência destes dois contextos pretéritos é visível ainda hoje na África - em divisões, posicionamentos, inter-relacionamentos e redes de dependências entre os Estados africanos e destes com os países que um dia foram suas metrópoles - assim como se pressupõe que qualquer política europeia atual, no contexto da Primavera Árabe, terá sobre o futuro do Estado líbio e de outros que passam pelas mesmas situações.



## Referência

<sup>18</sup><http://www.presseurop.eu/pt/content/article/904761-libia-apos-guerra-os-negocios>

<sup>19</sup> É preciso ressaltar que o posicionamento europeu para com as situações dos Estados do norte da África e Oriente Médio é cambiante. Além de prévios acordos econômicos, existiram compromissos políticos, como a parceria entre os países do Mediterrâneo e o próprio Kadhafi quanto ao controle de fluxos migratórios que saíam do continente africano em direção ao sul da Europa, entre outros.

<sup>20</sup> Conferência ocorrida entre 1884 e 1885, na qual as grandes potências coloniais da época dividiram entre si o continente africano.

**Agência Brasil**

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-09-15/em-visita-libia-sarkozy-ecameron-dizem-que-mais-dificil-ainda-esta-por-vir>

**BULL, Hedley.** *A sociedade anárquica: um estudo da ordem na política mundial.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

**New York Times**

[http://www.nytimes.com/2011/09/16/world/africa/cameron-and-sarkozy-in-tripoli-libya-to-meet-new-leaders.html? r=1&scp=1&sq=Cameron%20Sarkozy%20Libya&st=cse](http://www.nytimes.com/2011/09/16/world/africa/cameron-and-sarkozy-in-tripoli-libya-to-meet-new-leaders.html?r=1&scp=1&sq=Cameron%20Sarkozy%20Libya&st=cse)

**PressEurop**

<http://www.presseurop.eu/pt/content/article/904761-libia-apos-guerra-os-negocios>

<http://www.presseurop.eu/pt/content/news-brief-cover/956291-vitoria-de-sarkozy-e-cameron>

**RFI**

<http://www.portugues.rfi.fr/geral/20110916-visita-do-heroi-sarkozy-libia-recebe-destaque-na-imprensa-0>

<http://www.portugues.rfi.fr/mundo/20110916-combatentes-do-cnt-aceleram-ofensiva-contra-redutos-de-kadafi>

<http://www.portugues.rfi.fr/mundo/20110915-sarkozy-desmende-acordos-privilegiados-com-libia-em-visita-tripoli>

<http://www.portugues.rfi.fr/mundo/20110914-sarkozy-e-cameron-chegam-libia-nesta-quinta>

<http://www.portugues.rfi.fr/mundo/20110915-sarkozy-e-cameron-desembarcam-em-tripoli-para-visita-da-vitoria>

**The Economist**

<http://www.economist.com/node/21528636>

**Valor Econômico**

<http://www.valor.com.br/internacional/1006926/sarkozy-e-cameron-devem-visitar-libia-amanha>

**Veja**

<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/na-libia-nicolas-sarkozy-pede-a-prisao-de-muamar-kadafi>

**Palavras chave:** Europa. França. Grã-Bretanha. Líbia. Democratização. Primavera Árabe. OTAN. Muammar Kadhafi. Petróleo.



## ConjunturaInternacional

### Pontifícia Universidade Católica - MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Vice-reitora: Profª. Patrícia Bernardes

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôrres

### Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais:  
Prof. Danny Zahreddine

Coordenação do Curso de Relações Internacionais:  
Prof. Danny Zahreddine

Coordenação-Geral:  
Prof. Leonardo César Souza Ramos

#### Conselho acadêmico:

Prof. Danny Zahreddine  
Prof. Jorge Mascarenhas Lasmar  
Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Membros:; Daniel Teixeira da Costa Souza; Déborah Silva do Monte; Gustavo dos Santos de Miranda; Márcia de Paiva Fernandes; Mariana Balau Silveira; Paulo Henrique Ayusso; Pedro Casas Vilela Magalhães Arantes; Rafael Bittencourt Rodrigues Lopes; Raysa Kie Takahasi; Ricardo Bezerra Requião.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av. Dom José Gaspar 500, Instituto de Ciências Sociais,  
prédio 47, sala 105 - Coração Eucarístico - Belo Horizonte -  
MG - CEP 30535-901 Tel: (31) 3319-4495 email:  
[ci@pucminas.br](mailto:ci@pucminas.br) website:  
<http://www.pucminas.br/conjuntura>

